

- [Onda rosa latinoamericana: uma tipologia]
- [Capitalismo dependiente inviabiliza integración solidaria]
- [Integração e Nacionalismo na América Latina: notas preliminares]
- [Ciência e Tecnologia na América Latina: reconstruir o debate]
- [Recomendações Finais do Seminário Regional sobre Agroecologia na América Latina e Caribe]
- [La declinación de la hegemonía estadounidense y la emergencia de China en el marco de la crisis global]
- [Omissão do Estado sobre direito autoral só beneficia grandes corporações. Trechos de entrevista com Marcus Vinicius de Andrade]



Editorial

A Revista Latinoamerica Integração e Desenvolvimento é uma publicação digital de divulgação científica, que apresentará, de forma simples e concisa, estudos sobre os principais problemas latinoamericanos e propostas para enfrentá-los.

A revista nasceu de nossa experiência na coordenação do projeto UILA (Universidade da Integração Latino-Americana) para a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul em 1987, quando a democracia reinstalada no continente permitiu que os países dessem novos passos em direção à integração continental; e da nossa participação na implantação da UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana), na fronteira trinacional de Foz do Iguaçu, na condição de Pró-Reitora de Extensão. Ali constatamos a grande lacuna da informação científica sobre a América Latina no quotidiano dos formadores de opinião.

Da escolha do nome à definição das principais temáticas a serem aprofundadas pela publicação, a revista privilegia o debate com especialistas das áreas econômica, científica e tecnológica, sociopolítica, cultural e ambiental, visando à concepção de um produto editorial capaz de melhor representar as diversas facetas e cenários da América Latina no momento atual.

Assim, produzimos o projeto editorial da revista cujos objetivos são: informar com ética e rigor científico, manter a informação atualizada sobre as questões mais candentes para a Integração e o Desenvolvimento e fomentar o debate sobre América Latina e Caribe na academia e na sociedade.

A Revista Latinoamerica será publicada em PDF para ser acessível ao público por meio das principais tecnologias e ferramentas da Web.

Neste primeiro número, todos podem participar da discussão, feita pelo Prof. Fabrício Pereira da Silva, da UNIRIO, do caráter das novas democracias na América Latina, seguindo-se os temas da inserção dependente dos países do continente na economia mundial e dos Nacionalismos presen-

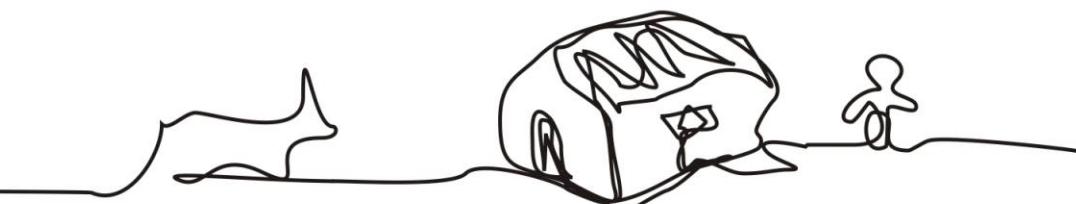
tes na região, e de como estas questões podem dificultar ou contribuir para a integração continental, apresentados pela estudante uruguaia do mestrado em Integração Contemporânea da América Latina (ICAL/UNILA) Angela Garofali e pelo Prof. Gentil Corazza, fundador do curso de Economia da UNILA. Também se discute como a crise de hegemonia dos Estados Unidos e a emergência da China afetam a economia mundial e a América Latina, em artigo do Prof Artur Guillen, da UAM do México. Logo, procura-se entender porque as empresas dos países da periferia não necessitam investir em P & D para lucrarem, numa análise dependentista realizada pelo Mestre em Estudos Latino-americanos pela UNAM, México, Diógenes Moura Breda.

Leia também as recomendações finais do Seminário Regional sobre Agroecologia na América Latina e Caribe, realizado em Brasília, no final de julho de 2015, e trechos da entrevista com um tema sempre atual direitos autorais e papel do Estado na sua regulação realizada com o Maestro Marcos Vinicius de Andrade, Presidente da AMAR- Associação de Músicos Arranjadores e Regentes.

O mestrando em ciências políticas e integração da UNILA, o peruano Jesus Ibañez Ojeda anuncia o II Congresso de Integracion Juvenil Latinoamericano, que tem como objetivo discutir o desenvolvimento e a integração continental com os jovens da região andina e de toda a América Latina. E a Profa. Alai Diniz divulga o VIII Congresso Roa Bastos, que será realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. A oitava edição do congresso “apresenta o desafio de desenvolver uma temática contemporânea em tempo de globalização voltada para o diálogo Sul-Sul, a partir do reconhecimento de poéticas, éticas e políticas que transitam em culturas interfronteiriças do Caribe Andino ao Grande Chaco”.

Desejamos a todos uma boa leitura,

Luisa Moura
Editora Chefe



Editorial

La Revista Latinoamérica Integración y Desarrollo es una publicación digital de divulgación científica, que presentará, de forma simple y concisa, estudios sobre los principales problemas latinoamericanos y propuestas para enfrentarlos.

La revista nació de nuestra experiencia en la coordinación del proyecto UILA (Universidad de la Integración Latinoamericana) para la Universidad Estadual de Mato Grosso del Sur en 1987, cuando la democracia reinstalada en el continente permitió que los países dieran nuevos pasos en dirección a la integración continental, así como también nace de nuestra participación en la implantación de la UNILA (Universidad Federal de la Integración Latinoamericana), en la frontera tri-nacional de Foz do Iguaçu, en condición de Pro-Rectora de Extensión. Allí constatamos el gran vacío de información científica sobre América Latina en el cotidiano de los formadores de opinión.

Desde la elección del nombre hasta la definición de las principales temáticas a ser profundizadas por la publicación, la revista privilegia el debate con especialistas de las áreas económica, científica y tecnológica, socio-política, cultural y ambiental, de cara a la concepción de un producto editorial capaz de representar de la mejor forma las diversas facetas y escenarios de América Latina en el momento actual.

Así, el proyecto editorial de la revista persigue los siguientes objetivos: informar con ética y rigor científico, brindar información actualizada sobre las cuestiones más importantes para la integración y el desarrollo y fomentar el debate sobre América Latina y el Caribe en la universidad y la sociedad.

La Revista Latinoamérica será publicada en pdf para ser accesible al público por medio de las principales tecnologías y herramientas de la web.

En este primer número, todos pueden participar de la discusión realizada por el Prof. Fabrício Pereira da Silva, de la UNIRIO, sobre el carácter de las nuevas democracias en América Latina. Le siguen los temas de inserción dependiente de los países del continente en la economía mundial

y de los nacionalismos presentes en la región, y de cómo estas cuestiones pueden dificultar o contribuir para la integración continental, presentados por la estudiante uruguaya de maestría en Integración Contemporánea de América Latina (ICAL/UNILA) Angela Garofali y por el Prof. Gentil Corazza, fundador del curso de Economía de la UNILA. También se discute cómo la crisis de hegemonía de Estados Unidos y la emergencia de China afectan la economía mundial y América Latina, en un artículo del Prof. Arturo Guillén, de la UAM, México. Asimismo, se busca entender porqué las empresas de los países de la periferia no necesitan invertir en P&D para generar ganancias, en un análisis dependentista realizado por el máster en Estudios Latinoamericanos por la UNAM, México, Diógenes Moura Breda.

Léase también las recomendaciones finales del Seminario Regional sobre Agroecología en América Latina y el Caribe, realizado en Brasilia, a finales de julio de 2015, así como los trechos de la entrevista con un tema siempre actual derechos autorales y el papel del Estado en su regulación realizada con el Maestro Marcos Vinicius de Andrade, Presidente de AMAR (Associação de Músicos Arranjadores e Regentes).

El estudiante peruano de maestría en Integración Contemporánea de América Latina (ICAL/UNILA) Jesus Ibañez Ojeda anuncia el II Congreso de Integración Juvenil Latinoamericano, que tiene como objetivo discutir el desarrollo y la integración continental con los jóvenes de la región andina y de toda América Latina. La Profa. Alai Diniz divulga el VIII Congreso Roa Bastos, que será realizado en la Universidad Federal de Santa Catarina, Brasil. La octava edición del congreso "presenta el desafío de desarrollar una temática contemporánea en tiempos de globalización volcada hacia el diálogo Sur-Sur, a partir del reconocimiento de poéticas, éticas y políticas que transitan en culturas inter-fronterizas desde el Caribe Andino al Grande Chaco".

Deseamos a todos una buena lectura,

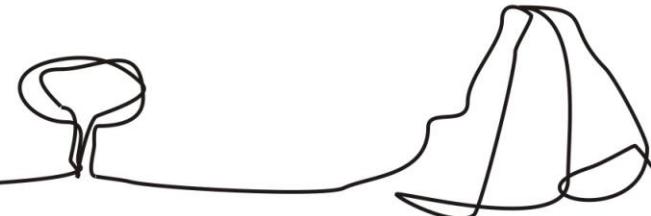
Luisa Moura
Editora Jeve

latinoamericana

Conselho Editorial:

Alai Diniz
Carlos Alberto Santos
Célio Bermann
Gentil Corazza
Ildo Sauer
Luciano Wexell Severo
Marcus Vinicius de Andrade
Nilson Araújo de Souza
Paulino Motter
Paulo Rocha
Sidney Leite
Victorio Oxilia

Expediente :
Luisa Moura - Editora Chefe
Lia Bressan - Secretária de Redação
Mariana Moura - Redatora Chefe
Alexandre Souza - Diagramação e Fotos
Alexandre Andreatta - Site



Sumário |

Ano I - N° 1
Novembro 2015



Política e Sociedade
Politica y Sociedad



Integração
Integración



Economia e Desenvolvimento
Economía y Desarrollo



Ciência e Tecnologia
Ciencia y Tecnología



Meio Ambiente
Medio Ambiente



Arte e Cultura
Arte y Cultura

Onda rosa
latinoamericana:
uma tipologia
Pág. 05

Capitalismo dependiente
inviabiliza integración
solidaria
Pág. 09

Integração e Nacionalismo na
América Latina: notas
preliminares
Pág. 13

La declinación de la
hegemonía
estadounidense y la
emergencia de China en
el marco de la crisis global
Pág. 17

Ciência e Tecnologia na
América Latina:
reconstruir o debate
Pág. 21

Recomendações Finais
do Seminário Regional
sobre Agroecologia na
América Latina e Caribe
Pág. 25

Omissão do Estado
sobre direito autoral
só beneficia grandes
corporações. Trechos
de entrevista com
Marcus Vinicius de
Andrade
Pág. 29

Onda rosa

Latino-americana: uma tipologia

A ascensão das esquerdas ao governo na América Latina chega a uma década e meia de duração. Por sua relativa sincronia e delimitação regional, constitui em si mesma um processo único, que pode ser compreendido em seu conjunto, com diversas características coincidentes mas com suas especificidades locais. O fenômeno foi chamado de “onda rosa” latino-americana, e apresenta a essa altura sinais de esgotamento, notadamente a grave crise político-econômica venezuelana, e a bem menos grave crise brasileira. No entanto, ainda não se pode afirmar que o ciclo esteja encerrado, dado as significativas vitórias em eleições presidenciais, que seguem se sucedendo como se pode observar a seguir.

por Fabricio Pereira da Silva*

*Professor Adjunto do Departamento de Estudos Políticos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor do Quadro Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Professor da Maestría en Estudios Contemporáneos de América Latina da Universidad de la República (UDELAR) do Uruguai.

E-mail: fabriciopereira31@gmail.com



Esse fenômeno, por seu ineditismo e relevância, foi analisado por dezenas, talvez centenas de analistas nos últimos anos. Considero que, a partir de um contexto mais favorável historicamente de estendida manutenção das democracias da região nas últimas duas ou três décadas, e de superação do bloqueio gerado pela Guerra Fria, essas esquerdas chegaram ao poder por uma combinação de adaptação organizativa, conferindo-lhe mais fluidez e flexibilidade; ampli-

ação de suas propostas ideológicas e “público-alvo”, conferindo-lhe maior amplitude programática e novas tradições; aceitação de valores democráticos básicos, e em alguns casos acúmulos de forças eleitorais; e a preservação ao longo da década anterior de um núcleo oposicionista e programático bem delimitado e claro, a oposição às políticas neoliberais.

Com a seguida chegada ao poder de partidos, movimentos e lideranças de esquerda na

América Latina, a literatura especializada começou logo a classificá-las em tipologias. A mais comum é a di-cotomia que sugere a existência de “duas esquerdas”, uma “socialdemocrata” ou “democrata” e outra “populista” ou “autoritária”, proposta por alguns estudiosos com intenção quase sempre normativa, em que a primeira tende a ser entendida como uma esquerda “boa” e a outra como “má”.

Governos e partidos no poder no Brasil, Chile e Uruguai, entre outros países, geralmente são associados com a primeira corrente, enquanto os da

Venezuela, Bolívia e Equador integrariam a segunda. As dicotomias mais comuns por diversas razões não chegam ao âmago da questão, seja porque suas noções centrais se prestam a todos os casos ou a nenhum deles, seja porque elas carregam normatividade ou polissemia.

Considero mais próximo da realidade avaliar as esquerdas latino-americanas enquanto parte de um único “conjunto”, mas divididas em dois “sub-conjuntos”: as “renovadoras” e as “refundadoras”. As primeiras são caracterizadas por um grau maior de institucionalização, maior integração ao sistema político, aceitação das instituições da democracia representativa na forma “realmente existente” em seus países e pela crítica moderada ao neoliberalismo.►

Quadro: Vítórias presidenciais e mandatos das esquerdas (1998-2014)

ELEIÇÃO E MANDATO EXERCIDO					
Venezuela	Hugo Chávez 1998 (1999-2001)	Hugo Chávez 2000 (2001-2007)	Hugo Chávez 2006 (2007-2013)	Hugo Chávez 2012 (-)*	Nicolás Maduro 2013 (2013-)
Chile	Ricardo Lagos 2000 (2000-2006)	Michelle Bachelet 2006 (2006-2010)	<i>Interregno de centro-direita</i> **	Michelle Bachelet 2014 (2014-)	
Brasil	Luiz Inácio Lula da Silva 2002 (2003-2005)	Luiz Inácio Lula da Silva 2006 (2007-2010)	Dilma Rousseff 2010 (2011-2014)	Dilma Rousseff 2014 (2015-)	
Argentina	Néstor Kirchner 2003 (2003-2007)	Cristina Kirchner 2007 (2007-2011)	Cristina Kirchner 2011 (2011-)		
Uruguai	Tabaré Vázquez 2004 (2005-2010)	José Mujica 2009 (2010-2015)	Tabaré Vázquez 2014 (2015-)		
Bolívia	Evo Morales 2005 (2006-)	Evo Morales 2009 (2010-2015)	Evo Morales 2014 (2015-)		
Equador	Rafael Correa 2006 (2007-2009)	Rafael Correa 2009 (2009-2013)	Rafael Correa 2013 (2013-)		
Nicarágua	Daniel Ortega 2006 (2007-2012)	Daniel Ortega 2011 (2012-)			
Paraguai	Fernando Lugo 2008 (2008-2012)***				
El Salvador	Mauricio Funes 2009 (2009-2014)	Salvador Sánchez Cerén 2014 (2014-)			

* Não iniciou o mandato, vindo a falecer em 05 de março de 2013.

** Sebastián Piñera foi eleito em 2010 e governou de 2010 a 2014.

*** Mandato interrompido por golpe parlamentar.



As primeiras pretendem “renovar” a política e o governo de seus países com uma abordagem mais igualitária, estatizante e ética, mesclam políticas que integram o ideário neoliberal com propostas vagamente “neodesenvolvimentistas”. As segundas propõem “refundar” suas institucionalidades, seus sistemas partidários e o Estado como um todo, superando mais radicalmente o status quo vigente no momento em que chegaram ao poder, associado geralmente a um colapso dos sistemas partidários e institucionais. Estas se apresentam como anti-sistêmicas, defendendo ao menos no nível do discurso elementos “anticapitalistas”, “anti-imperialistas”, “pós-coloniais”, por vezes “socialistas”.

É evidente que isso não se explica apenas pelo voluntarismo dos agentes sociais. O que fica claro é que os governos de partidos que se inseriram em contextos relativamente estabilizados tenderam a uma maior institucionalização, a uma moderação e à maior valorização da representação, realizando (num tempo relativamente curto) trajetórias em direção ao centro político para captar votos e apoios. Nos países com sistemas políticos e partidários mais estáveis, nos quais os partidos continuam sendo os condutores dos processos eleitorais, as esquerdas desenvolveram organizações mais estruturadas, competitivas e integradas, mantendo o conflito em limites institucionais e moderando-o. Enquanto isso, em outros casos partidos e movimentos de curta trajetória emergiram em contextos marcados por sistemas e institucionalidades em colapso, e encontraram relativa autonomia para construir maioria, sem a necessidade ou a possibilidade de encararem um processo de institucionalização, de moderação ou de internalizarem mais fortemente os valores hegemônicos da democracia representativa. Diferenças estruturais e temporalidades distintas são fatores explicativos das diferenças entre essas esquerdas. ■



Capitalismo dependiente inviabiliza integración solidaria.

por Angela Garofali Patrón

Economista. Estudante de mestrado em
Integração Contemporânea de América Latina
[PPG ICAL-UNILA]

E-mail angela.garofali@aluno.unila.edu.br

A pesar de una década de gobiernos progresistas en la región, la política económica en la mayoría de nuestros países continúa reproduciendo, de forma ampliada, la dependencia. La lógica perversa de transferencia de valor dificulta el desarrollo de procesos de integración que carguen con un carácter más solidario, no competitivo.



Si bien es necesario el discurso político en favor de procesos más amplios de integración, las estructuras económicas que reproducen al capitalismo dependiente se constituyen como obstáculos a esos procesos.

Marini (1972) sostiene que fue la integración de América Latina al mercado internacional lo que determinó su formación económica dependiente. De este modo, la posición que asume América Latina en la división internacional del trabajo, ya desde mediados del siglo XIX, como productora de alimentos y materias primas industriales, determinará y condicionará su estructura productiva. Apunta el autor:

Nacida para atender a las exigencias de la circulación capitalista, cuyo eje de articulación está constituido por los países industriales, y centrada pues sobre el mercado mundial, la producción latinoamericana no depende para su realización de la capacidad interna de consumo. Se opera así, desde el punto de vista de país dependiente, la separación de los dos momentos fundamentales del ciclo del capital la producción y la circulación de mercancías cuyo efecto es hacer que aparezca de manera específica en la economía latinoamericana la contradicción inherente a la producción capitalista en general, es decir, la que opone el capital al trabajador en tanto que vendedor y comprador de mercancías (MARINI, 1991).

El hecho de que la economía exportadora latinoamericana venda su producción en la esfera del mercado mundial demuestra, en cierta medida y variando de caso para caso, que el consumo del mercado interno le puede ser indiferente. De este modo, el trabajador, y por lo tanto su consumo individual, será de poca importancia, dado que no interfiere en la realización de las mercaderías de exportación. Así, el trabajador interesa apenas como productor de valor, y no como consumidor de este. Marini advierte:

Ese divorcio entre el productor y el consumidor crea las condiciones para que, en una economía de esa naturaleza [dependiente], el trabajador pueda ser explotado prácticamente hasta el límite (...) En consecuencia, el carácter que asume el ciclo del capital en una economía de este tipo no pone ninguna traba a la explotación del trabajador y, al contrario, la lleva a configurarse como una superexplotación (MARINI, 1972).

Marini va a defender que en los países dependientes la acumulación de capital no depende del aumento de la capacidad productiva del trabajo, sino que se sustenta en la superexplotación de la fuerza de trabajo¹. Pero esto no sería una característica del periodo primario exportador, sino que se reproduce igualmente durante el periodo de industrialización de algunas economías latinoamericanas². Es decir, durante la segunda mitad del siglo XX el capitalismo dependiente latinoamericano se reconfigura, para funcionar condicionada y determinadamente por el capital extranjero, ahora instalado en territorio latinoamericano.

Para cualquier caso, el ciclo del capital en la economía dependiente se configura como un obstáculo estructural a un proceso más pleno de integración, de carácter más solidario y que responda a los intereses de las fuerzas populares. Por un lado, porque las estructuras productivas de las naciones latinoamericanas están, cada vez más, controladas por el capital extranjero y responden a las exigencias de los países centrales; es decir, opera la separación entre producción y consumo. Por otro lado, la superexplotación de la fuerza de trabajo, como condición de acumulación de capital en la periferia, bloquea la posibilidad de constituir un poderoso mercado interno. Un instrumento que demuestra claramente el carácter condicionado de las economías latinoamericanas es la balanza de pagos.



El sector externo de los países latinoamericanos, por lo menos desde finales de la década de 1970, sufre una crisis permanente de-bido básicamente a dos razones: primero, por la crisis estadounidense de fines de los años 1960, y segundo, por la histórica transferencia de valor hacia las economías industrializadas. Si se observan los saldos comerciales de los 10 países de América del Sur con el resto del mundo, durante los últimos 15 años (2000-2014), se verifica que cuatro de ellos (Colombia, Ecuador, Paraguay y Uruguay) presentan déficits estructurales, mismo con el aumento de precios de los commodities. Por su parte, Chile, Brasil y Perú vienen presentando, desde 2012, saldos comerciales negativos, probablemente debido a la caída de los precios internacionales de los productos de exportación³.

En el gráfico se destacan dos fenómenos de la balanza de pagos de América Latina. El primero está asociado al inestable saldo de la balanza comercial. Durante los periodos en que ese saldo se torna negativo, el esfuerzo que deben realizar las economías dependientes es mayor, en el sentido de que la fuente más genuina de obtener ingresos (exportaciones) se torna insuficiente.

De este modo, acuden al capital extranjero (vía endeudamiento, atracción de capital especulativo o IED) para cumplir con las obligaciones financieras con el resto del mundo. El problema está en que, captar esos ingresos del exterior presupone la trampa de pagar, ad eternum, las rentas que genera ese capital invertido. Allí se manifiesta el segundo fenómeno del gráfico: el saldo crecientemente negativo de la balanza de rentas. Esa lógica se torna bastante perversa en las economías latinoamericanas, en la medida que no tienen la capacidad financiera para bancar sus obligaciones, debiendo recurrir al capital extranjero, el cual, por su vez, generará nuevas rentas a pagar. La creciente entrada de capital extranjero está asociada a la estrategia de atracción implementada por varios estados latinoamericanos: ofrecer un tratamiento diferenciado para el uso y apropiación del territorio. ►



- 1 Los mecanismos que Marini señala son: aumento de la intensidad del trabajo, sin que mejore el nivel tecnológico; extensión de la jornada de trabajo; rebaja del salario más allá de lo necesario para que el trabajador y su familia se reproduzcan como tal. En cualquiera de estos casos, se remunera al trabajador un salario que no le permite la plena reposición del desgaste físico y mental que éste sufre al cumplir una jornada más intensa, más extensa o ambas.
- 2 Varias condiciones estructurales en la periferia permitieron la entrada de capital extranjero. De acuerdo con Bambirra (2013): i) el proceso de renovación tecnológica en el centro (el cual requiere deshacerse de máquinas y equipamientos obsoletos); ii) el estímulo creado por las barreras cambiales que funcionan al interior de los países dependientes; iii) contingentes de fuerza de trabajo barata; iv) existencia de cierta infraestructura; v) dependencia del proceso de industrialización, respecto a máquinas, equipamientos o materias primas elaboradas; vi) control del centro de nuevas tecnologías, imponiendo términos de uso de la misma; vii) mejores condiciones de competencia en el mercado periférico debido a los altos niveles de productividad del capital extranjero; viii) creciente endeudamiento de las economías dependientes, así como por los propios mecanismos acumulativos de la dependencia.
- 3 Chile en 2012 y 2013; Brasil en 2014; Perú en 2013 y 2014.

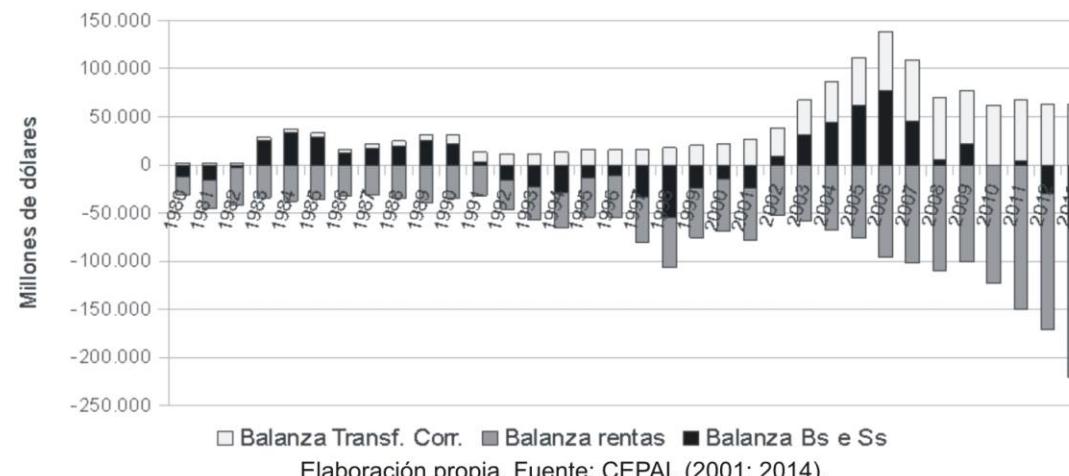


Esta lógica refuerza la condición estructural de dependencia. En la medida que las empresas transnacionales van adquiriendo las estructuras productivas de los países latinoamericanos⁴, la tendencia a concentrar y centralizar el capital aumenta, reforzando la formación de monopolios en la economía dependiente. La apuesta a la plena abertura de las economías, que se ma-

nifiesta de forma evidente en las cuentas comercial y financiera de la balanza de pagos, demuestra que, a pesar de la asunción de gobiernos "progresistas" en algunos países y durante casi una década, predomina en América Latina una política económica (neo)liberal: libre entrada y salida de capitales, liberalización absoluta del comercio (por ejemplo la Alianza del Pacífico), altas tasas de interés, control de recursos estratégicos para el desarrollo nacional en manos de extranjeros (inclusive servicios como la banca y el comercio exterior).

Es decir, esta situación se configura como un obstáculo estructural a un proceso de integración que pretenda atender a las necesidades de las masas populares, mientras que al mismo tiempo se torna funcional a las clases dominantes y a los grandes grupos económicos.

América Latina: cuenta corriente de la balanza de pagos, 1980-2013.



Elaboración propia. Fuente: CEPAL (2001; 2014).

En el marco del capitalismo dependiente, los procesos de integración sirven como plataformas funcionales al corporativismo de las transnacionales (por ejemplo la IIRSA, Alianza del Pacífico, Mercosur).

Es posible y necesario pensar una integración estratégica en todas sus facetas (política, económica, cultural, financiera), que responda a intereses de la gente

y no de las grandes empresas. Que esté impregnada de humanismo y no de mercado. Debemos construir la integración como una salida histórica a la dependencia crónica que vive América Latina.■

Referencias bibliográficas

- BAMBIRRA, Vânia. O capitalismo dependiente latino-americano. 2 ed. Florianópolis : Insular, 2013.
- CEPAL. Anuario estadístico de América Latina y el Caribe, 2001. Disponible en: www.repository.cepal.org
- CEPAL. Anuario estadístico de América Latina y el Caribe, 2014. Disponible en: www.repository.cepal.org
- MARINI, Ruy Mauro. La acumulación capitalista dependiente y la superexplotación del trabajo. 1972. Disponible en: www.marini-escritos.unam.mx
- MARINI, Ruy Mauro. El ciclo del capital en la economía dependiente. 1979. Disponible en: www.marini-escritos.unam.mx
- MARINI, Ruy Mauro. Dialéctica de la dependencia. Ediciones Era, México, 1991. Disponible en: www.marini-escritos.unam.mx

4 Durante el post guerra con nuevas instalaciones que incluía la maquinaria obsoleta de los países centrales; durante los años 1990 vía privatizaciones de empresas estatales; y últimamente adquiriendo empresas nacionales quebradas que no consiguen competir con los niveles de productividad del capital extranjero.



Integração e Nacionalismo na América Latina: notas preliminares

por Gentil Corazza

Economista, Professor da UFRGS e
Professor Visitante da Universidade Federal
da Fronteira Sul.

E-mail: gentilcorazza@gmail.com

O processo de integração dos países latino-americanos foi um processo difícil, lento e diversificado, sofreu avanços e recuos e enfrentou muitos obstáculos. ▶

SEMPRE
ALGO
ENTRE
NÓS



Um dos principais problemas, que dificultou esse processo de integração, ao longo de sua história, foi o nacionalismo exacerbado vigente em muitos países da região e, de modo especial, as rivalidades entre Brasil e Argentina. Mas, a criação e o



desenvolvimento do Mercosul, que representou, sem dúvida, um avanço histórico considerável, sugeria que a fase dos velhos nacionalismos teria ficado para trás e os processos de integração passariam a se desenvolver sem novos obstáculos. No entanto, nos últimos anos, observamos o ressurgimento dos nacionalismos em muitos países do Continente. A questão que nos colocamos é se esses novos nacionalismos são diferentes dos velhos e se representam um novo obstáculo à con-

tinuidade e ao aprofundamento do processo de integração latino-americana, especialmente no caso do Mercosul. Pode-se levantar a hipótese de que, ao menos no que diz respeito ao Mercosul, diferentemente do que aconteceu no passado, os novos nacionalismos não representam um obstáculo, mas constituem um novo impulso e conferem uma nova dimensão ao processo de integração latino-americano.

Pode-se levantar a hipótese de que, ao menos no que diz respeito ao Mercosul, diferentemente do que aconteceu no passado, os novos nacionalismos não re-presentam um obstáculo, mas constituem um novo impulso e conferem uma nova dimensão processo de integração latino-americano.

Antes de tudo, é preciso assinalar que a ideia de integração dos países da América Latina acompanha o próprio processo de independência, liderado pelo libertador Simon Bolívar. Embora esta primeira matriz inspiradora da integração estivesse imbuída de um significado mais romântico e messiânico, ela permaneceu como um ideal integracionista, que per-

passa toda a história e as experiências concretas de integração, até nossos dias. Uma outra matriz integracionista surgiu, anos mais tarde, no âmbito da doutrina Monroe resumida no slogan “América para os americanos”, que traduz uma concepção tutelada de integração, em que os Estados Unidos arvoraram-se no papel de condutores e protetores da unidade (latino) americana. Essas duas matrizes traduziram as tensões históricas entre o monroísmo e o bolivarianismo, que de alguma forma ainda estão presentes nos projetos atuais de integração, como o Mercosul e a Alca.

Em qualquer uma dessas perspectivas, o processo de integração dos países latino-americanos significou vencer obstáculos oriundos de posições nacionalistas dos governos desses países, pois a integração significa uma certa perda de soberania, em troca de ganhos oriundos da própria integração. As experiências concretas de integração se depararam com ondas de nacionalismo, de variados matizes.

Uma primeira onda nacionalista se identifica com a própria luta pela independência dos países latino-americanos, ainda no início do século XIX. Tratava-se de um nacionalismo mais de natureza política, ne-►



cessário para consolidar os novos Estados independentes. Uma segunda onda surgiu nos anos 1930 e, especialmente após a II Guerra Mundial, com o início da industrialização, que se apoiou num nacionalismo econômico, associado ao nacional desenvolvimentismo. Depois, vieram os movimentos nacionalistas de esquerda, ligados à Revolução Cubana, bem como os nacionalismos de direita, associados aos regimes militares dos anos 1960, e 1970, onde prevalecia a ideologia de fortalecimento do poder nacional. Finalmente, na virada do século, assistimos ao ressurgimento de novos governos nacionalistas, de diferentes matizes, em vários países latino-americanos, como a Venezuela, Bolívia, Equador e Paraguai, empenhados em defender seus respectivos interesses econômicos nacionais. Esta nova onda nacionalista, à primeira vista, não parece opor-se ao processo de integração. Ela cobra, isto sim, uma maior abrangência em termos sociais e um maior aprofundamento da integração, de modo a beneficiar, sobretudo, os países menores e mais pobres da região.

De fato, o ressurgimento de governos nacionalistas, na América Latina, no início do Século XXI, desde os mais moder-

ados, como o do Brasil e da Argentina, até os mais radicais, como o da Bolívia, Equador e Venezuela, parece não ter se apresentado como um obstáculo ao aprofundamento da integração, mas ao contrário, podem ser denominados, como nacionalismos de cunho integrador.

Apesar desta nova face de vários nacionalismos latino-americanos, é inegável que, mesmo assim, esses novos nacionalismos colocam um conjunto de questões, que, no seu todo, implicam um novo direcionamento ao processo de integração. Por um lado, os países menores e menos favorecidos com a integração, como é o caso do Uruguai, Paraguai e Bolívia, passaram a exigir medidas efetivas que atendam a seus interesses. Por outro, o ingresso da Venezuela no Mercosul parece ter impactos, cujas consequências ainda não podem ser corretamente avaliadas.

É preciso destacar alguns aspectos desses novos movimentos nacionalistas. Em primeiro lugar, parecem representar reações ao fracasso das políticas neoliberais implantadas nas últimas décadas do Século XX, mas não podem ser desconnectadas da falta de perspectivas oriundas do processo de integração para os países ►



mais pobres da região, como a Bolívia, o Paraguai e mesmo o Uruguai. Basta lembrar a intenção do Uruguai de firmar acordo de livre comércio com os Estados Unidos e a pronta intervenção do governo brasileiro, alguns dias antes da visita do presidente Bush, prometendo financiamento do BNDES para vários projetos daquele país. Em segundo lugar, os novos governos nacionalistas assumem claramente a defesa dos recursos naturais dos seus respectivos países. Em terceiro lugar, os protagonistas desta onda nacionalista não são mais as elites engravatadas e classes médias do passado, e sim a população pobre e, em algumas situações, preponder-

antemente indígena, como é o caso da Bolívia e, mais recentemente, do Paraguai. Em último lugar, como já foi ressaltado acima, ao que parece, esse novos movimentos nacionalistas não são movimentos anti-integração, mas a favor de uma nova forma de integração, uma integração nacionalista, ou seja um processo de integração que implique o desenvolvimento da infra-estrutura de transporte, energia e comunicação. Não se trata de um nacionalismo de rivalidades, como foi no passado, nem de um nacionalismo isolacionista, mas de um tipo de nacionalismo integrador.

Apesar das dificuldades atuais enfrentadas pela integração latino-americana e dos impasses que muitos desses governos nacionalistas enfrentam, não pode ser negligenciado o grande impulso que os mesmos deram ao processo de integração, ampliando sua abrangência e aprofundamento sua agenda, sobretudo através da inclusão de questões sociais. É importante que as energias oriundas dos novos nacionalismos sejam canalizadas para um processo socialmente mais avançado de integração, que reforce ao mesmo tempo os interesses de todos os seus membros no interior do bloco e na competição global. ■



...ao que parece, esse novos movimentos nacionalistas não são movimentos anti-integração, mas a favor de uma nova forma de integração, uma integração nacionalista, ou seja um processo de integração que implique o desenvolvimento da infra-estrutura de transporte, energia e comunicação. Não se trata de um nacionalismo de rivalidades, como foi no passado, nem de um nacionalismo isolacionista, mas de um tipo de nacionalismo integrador.



LA DECLINACIÓN DE LA HEGEMONÍA ESTADOUNIDENSE Y LA EMERGENCIA DE CHINA EN EL MARCO DE LA CRISIS GLOBAL

Arturo Guillén *

* Profesor investigador de la Universidad Autónoma Metropolitana Iztapalapa. Profesor del "Posgrado en Estudios Sociales, Línea Economía Social". Coordinador General de la Red de Estudios sobre el Desarrollo Celso Furtado (www.redcelsofurtado.edu.mx). Miembro del Sistema Nacional de Investigadores.

E-mail: artguillenrom@hotmail.com
Fax: 55 5612 5682.

La declinación de la hegemonía estadounidense se inició a finales de la década de los sesenta. En ese periodo llegó a su término al periodo de hegemonía estable e incontestable de los Estados Unidos en la posguerra y se inicia el resquebrajamiento del orden liberal "acotado", construido al término de la Segunda Guerra Mundial. Los principales rasgos que anunciaron el declive fueron: la ruptura del sistema monetario internacional de Bretton Woods; el inicio de la crisis del modo de regulación monopolista-estatal y del régimen de acumulación fordista; la derrota estadounidense en la Guerra de Vietnam; y la reemergencia de Alemania y Japón. ►

La “gran crisis” de los 70's provocó transformaciones profundas en el funcionamiento de los sistemas productivos de los países y en las relaciones económicas internacionales. Tales procesos obedecieron a la necesidad de contrarrestar la baja de la tasa media de ganancia ocurrida en los principales países desarrollados desde mediados de los 60's. Como reacción objetiva del capital y principalmente de sus segmentos más poderosos - se desplegaron dos procesos coincidentes: la globalización y la financiarización. Ambos fueron no solamente procesos objetivos para elevar la tasa de ganancia, sino también proyectos de las fracciones hegemónicas de los bloques en el poder de los países centrales y de los Estados, para buscar una salida a la crisis. Y sobre todo un proyecto del capital monopolista-financiero del centro imperialista hegemónico | los Estados Unidos | para conservar su posición de liderazgo y de dominio mundial.

Los Estados Unidos usaron su hegemonía monetaria y financiera para contener su declinación. La devaluación del dólar en los 70's y los 80 pudo ser contenida a partir de la política monetaria unilateral y fuertemente restrictiva seguida por la Reserva Federal y el Tesoro estadounidense desde el término de la administración Ronald Reagan. Con tal política el dólar mantuvo su papel de divisa clave de la economía mundial. El déficit creciente de la balanza en cuenta corriente de los Estados Unidos pudo ser financiado me-

La globalización neoliberal permitió a Estados Unidos durante los noventa recuperar la iniciativa en la remodelación de las economías capitalistas y contener su declinación hegemónica. Representó además una nueva fuente de ganancias para las empresas y bancos trasnacionales, mediante la relocalización de sus capitales en la periferia (principalmente en China), al tiempo que el capital monopolista-financiero aseguró ganancias extraordinarias mediante la financiarización.



sistema. Tarde o temprano, las financiarizaciones conducen a la pérdida de la hegemonía, entre otras cosas, por el efecto desestabilizador que tienen en la reproducción del capital y en la irrupción de grandes crisis.

El régimen de acumulación con dominación financiera vigente desde los 80's estuvo en la raíz de las crisis financieras sistémicas de la periferia en los noventa, así como del desplome de los valores bursátiles de la nueva economía de 2001-2002 y la crisis global de 2007, que tuvieron como epicentro a los Estados Unidos. La crisis global actual es el resultado inescapable de un régimen de acumulación fundamentalista de mercado y financiarizado. ►

diante la atracción de capitales del resto del mundo.

La globalización neoliberal permitió a Estados Unidos durante los noventa recuperar la iniciativa en la remodelación de las economías capitalistas y contener su declinación hegemónica. Representó además una nueva fuente de ganancias para las empresas y bancos trasnacionales, mediante la relocalización de sus capitales en la periferia (principalmente en China), al tiempo que el capital monopolista-financiero aseguró ganancias extraordinarias mediante la financiarización. Pudo preservar las riendas de la economía mundial, pero al costo de agravar las contradicciones del



Con la globalización financiera se produjo una bifurcación entre el poder declinante, económico y comercial de los Estados Unidos, y su todavía imbatible supremacía financiera y militar. La declinación monetaria y financiera, así como la abrumadora superioridad militar de este país se rezaga frente a su declinación económica y comercial.

La declinación hegemónica de Estados Unidos que comenzó con la crisis de los 70's y que fue temporalmente contenida con la globalización y la financiarización durante los 90's, se reanudó durante las primeras dos décadas del siglo XXI. La globalización provocó profundas transformaciones en la estructura de la economía mundial. Durante las últimas tres décadas, Estados Unidos se convirtió en el mayor deudor del planeta, mientras que China se volvió el principal taller industrial y manufacturero. Este país se consolidó como centro acreedor, al tiempo que Estados Unidos se convirtió en una economía altamente rentista que utiliza su hegemonía monetaria y financiera para mantener, mediante la importación de capital, un relativo dinamismo de su economía.

En la actualidad, China es la segunda economía del planeta y, en términos de PPP, está en un tris de convertirse en la primera; es el primer exportador de mercancías y el primer exportador de manufacturas; si se incluye a Hong Kong, es el primer recipiente de flujos de inversión extranjera directa (IED) y el segundo exportador de IED, muy por encima de Japón y de las viejas potencias imperiales europeas. En breve, China se ha convertido en el taller del mundo, el prin-

La clave sobre el proceso de transición hegemónica está en la ideología. El american way of life sigue siendo la ideología dominante en el planeta, aunque el consenso en torno al neoliberalismo, sobre el que se apoya la hegemonía estadounidense, ha experimentado una erosión relativa. Ello en virtud de la autonomía creciente de algunas potencias emergentes (China, Rusia) y de la permanencia de regímenes progresistas en América del Sur.

cipal exportador de bienes y de manufacturas y el principal centro acreedor.

La crisis global aceleró la declinación de la hegemonía de Estados Unidos. Sería inconcebible suponer que una crisis de esa magnitud, no afectara la posición norteamericana en el mundo. Es verdad que Estados Unidos sigue siendo la única superpotencia del mundo actual. Su poderío militar es avasallante y conserva hegemonía monetaria y financiera, a pesar de la continuidad de la crisis global. Sin embargo, Estados Unidos perdió su liderazgo económico, comercial y tecnológico.

El mundo vive una etapa de transición hegemónica de "larga duración", con un hémano declinante, los Estados Unidos, que pierde irremisiblemente su liderazgo económico y comercial, y se aferra como todas las potencias que caen, a su hegemonía monetario-financiera y a su abrumadora superioridad militar. Frente a ellos, una potencia emergente: China, la cual no puede ni quiere todavía ejercer la hegemonía.▶



El concepto de hegemonía es una conjunción de poder, ideas e instituciones. (Cox, 2014). Un Estado puede dominar en capacidades materiales, pero no ser hegemónico. Es el caso China en el momento actual. Es decir, puede haber liderazgo sin hegemonía. O a la inversa, el hegemón puede ser superado en sus capacidades materiales (economía, tecnología, comercio, etc.), pero conservar supremacía militar, financiera e ideológica, así como controlar las instituciones principales que rigen el orden mundial, lo cual es el caso presente de EE.UU. A partir de esta tesis anterior, podría sostenerse que la dominación de Estados Unidos en una “dominación sin hegemonía”. Los elementos de coerción, de imposición financiera y de fuerza, predominan sobre los elementos consensuales. Pero aún en el uso de esos medios financieros y militares, hay erosión del poder estadounidense.

La clave sobre el proceso de transición hegemónica está en la ideología. El american way of life sigue siendo la ideología dominante en el planeta, aunque el consenso en torno al neoliberalismo, sobre el que se apoya la hegemonía estadounidense, ha experimentado una erosión relativa. Ello en virtud de la autonomía creciente de algunas potencias emergentes (China, Rusia) y de la permanencia de regímenes progresistas en América del Sur. Sin embargo la fractura-

ción del consenso neoliberal, no ha afectado aún el poder del capital monopolista-financiero en los principales centros de acumulación. La fractura del consenso neoliberal más que darse entre los Estados nacionales, se está dando en el seno de los Estados mismos. Esta se presenta como una separación creciente entre los Estados y la sociedad civil. Diversos signos evidencian tal fractura: movimientos sociales anti sistémicos; la falta de representatividad y debilitamiento de los partidos políticos tradicionales, conservadores o socialdemócratas; el ascenso de la ultraderecha en Europa y Estados Unidos; el ascenso de nuevos partidos de izquierda que rechazan el neoliberalismo y las políticas de austeridad; así como el desarrollo de tendencias autonómicas en Europa.

El escenario más probable es el de un capitalismo en crisis, estancado en su crecimiento, y en un marco de descomposición económica, social y política. Hay un “caos sistémico” (Wallerstein, 2010). Este caos abarca una crisis ambiental que amenaza la vida del planeta. Existe una potencia declinante, Estados Unidos, todavía hegemónica, la cual recurre cada vez más a la fuerza y a las soluciones unilaterales, y que tendrá cada vez menos consenso ante las poblaciones del mundo, a pesar del control que ejerce sobre los medios masivos de comunicación para preservar su dominio ideológico. ■



Referencias bibliográficas

Cox, Robert W (2014) “Fuerzas sociales, estados y órdenes mundiales: más allá de la teoría de relaciones internacionales”. *Revista Relaciones Internacionales*. Núm. 24. México, UAM, octubre 2013-enero 2014.

Wallerstein, Immanuel (2010). “Prólogo ¿Crisis, cuál crisis?” en Marco a. Gándasegui, hijo y Dídimo Castillo Fernández coordinadores. *Estados Unidos, la crisis sistémica y las nuevas condiciones de legitimación*. SigloXXI ed.-CLACSO.



por Diógenes Moura Breda

Economista pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Estudos Latino-Americanos pela Universidad Nacional Autónoma de México.

Diobreda@gmail.com

Ciéncia e Tecnologia na América Latina: reconstruir o debate

Há um sólido consenso, inclusive em organismos como a CEPAL e o Banco Mundial, sobre a irrelevância dos países latino-americanos na produção mundial de ciéncia e tecno-ogia (C&T). A região atualmente contribui com apenas 2,6% dos gastos mundiais em pesquisa e desenvolvimento (I&D) e com 2,5% dos pedidos mundiais de patentes¹. Os logros isolados de uma universidade aqui ou de uma empresa a-colá são exceções que confirmam a regra. O verdadeiro problema, porém, está na interpretação que usualmente se dá a esses números. ►



A maioria das teorias sobre tecnologia e inovação veem a robustez científica dos países centrais e se perguntam: por que os países latino-americanos não empreendem o esforço de se aproximarem da fronteira do conhecimento? A resposta, em geral, é de que o raquitismo da região na produção de C&T se deve a insuficiências de suas burguesias – à ausência de cultura inovadora, ao seu caráter rentista – ou a ausência de políticas públicas de inovação. Repete-se aqui, com outros termos, a velha – e já caduca – polêmica sobre a “industrialização trunca” na América Latina e a visão do desenvolvimento capitalista como uma sucessão de etapas cujo horizonte é o capitalismo central.

Em lugar destas tão recorrentes quanto insuficientes respostas, propomos interpretar a dependência tecnológica da região – uma vez que não se trata de um atraso – a partir de uma pergunta que trans-

fere o problema a um campo mais fecundo: as burguesias latino-americanas necessitam um desenvolvimento tecnológico orgânico para acumular e se reproduzir? Cremos que a resposta é negativa, o que não significa que os capitalistas da região – suas frações dominantes – não utilizem tecnologia: utilizam-na, às vezes inclusive tecnologias “de ponta”, mas não necessitam desenvolvê-las internamente, sendo suficiente importá-las. Não se trata de uma mera questão de “vantagens comparativas”, mas de como o capital se reproduz nesta parte do mundo.

O motor da inovação tecnológica no capitalismo é a busca por maiores lucros. A possibilidade, para o capitalista individual, de conseguir um lucro acima da média social – um mais-valor e um lucro extraordinários, nas palavras de Marx – faz com que o desenvolvimento da C&T, como componente central do desenvolvimento das for-

ças produtivas, esteja no DNA do capitalismo². Além do mais, em sua dimensão mundial, ou seja, no âmbito da divisão internacional do trabalho (DIT), o capital cria uma estrutura técnica que articula a produção planetária em uma hierarquia onde os setores de ponta, estratégicos³, têm a prerrogativa de apropriação de mais-valor extraordinário e, também, de imposição, em termos de valor de uso, da realidade técnica em função da qual todos os demais setores da economia devem se adaptar.▶

A aceitação e a passividade das classes dominantes frente à dependência tecnológica se explica pela característica distintiva do capitalismo dependente: superexploração da força de trabalho. Esta não é somente uma forma particular de extrair mais-valor, mas também um modo particular de reprodução do capital, afetando todo seu ciclo.

- 1 Dados de 2013. Nesse ano, China, Japão, Alemanha, Estados Unidos e Coréia do Sul foram responsáveis por 82% dos pedidos mundiais de patentes, e América do Norte (excluído México), Europa e Leste/Sudeste Asiático gastaram 88% do orçamento mundial em pesquisa e desenvolvimento. Fontes: National Science Foundation. *Science and Engineering Indicators*, 2014, e World Intellectual Property Organization. *World Intellectual Property Indicators*, 2014.
- 2 Porem, é importante deixar claro que se trata de um desenvolvimento *capitalista* da ciência e da tecnologia, ou seja, um desenvolvimento de formas de transformar a natureza funcionais à reprodução do capital, enquanto outros avanços científicos e tecnológicos, talvez mais úteis à humanidade, são deixados em segundo plano.
- 3 Para nós, são os setores articulados em torno da microeletrônica e da informática – os quais conformam o paradigma tecnológico *electroinformático* – são os estratégicos da produção mundial contemporânea. Essas tecnologias – os semicondutores, os softwares e as telecomunicações – representam o grau mais avançado da subsunção do trabalho pelo capital, não só das atividades manuais, mas principalmente da capacidade intelectual da força de trabalho. Ver: Ceceña, Ana Esther y Barreda, Andrés (1995) *Producción estratégica y hegemonía mundial*. México: Siglo XXI Editores.



A noção de hierarquia produtiva e tecnológica mundial nos permite afirmar que não é o mesmo produzir soja ou carne empacotada que semicondutores ou robôs, do mesmo modo como há uma diferença entre projetar e controlar a produção de semicondutores – possuir suas patentes – e simplesmente montá-los em uma planta industrial “maquiladora”. Nesses casos, o país ou região que produz e exporta produtos primários ou produtos industriais de “maquila” transfere sistematicamente valor para as regiões produtoras de tecnologia de ponta, concentradas até hoje em poucos países. Porém, a articulação de uma divisão internacional do trabalho com sua base técnica correspondente não é somente fruto da imposição dos países centrais sobre as periferias, mas também de sua aceitação por parte das burguesias periféricas. E, ainda que pareça contraditório, aceitam porque também ganham com isso, ainda que em prejuízo das condições de vida dos trabalhadores de

seus países e de um projeto de nação soberano.

A aceitação e a passividade das classes dominantes frente à dependência tecnológica se explica pela característica distintiva do capitalismo dependente: superexploração da força de trabalho. Esta não é somente uma forma particular de extrair mais-valor, mas também um modo particular de reprodução do capital, afetando todo seu ciclo. Em linhas gerais⁴, a superexploração gera padrões de reprodução que se fundam mais no aumento da exploração do trabalhador – negando-lhe o necessário para sua vida – do que no aumento da produtividade do trabalho da economia como um todo. A superexploração, como característica distintiva do capitalismo dependente, implica, neste sentido, uma “distorção” do ciclo do capital aos mercados externos e aos mercados inter-nos de altas rendas, que também se nutrem do mais-valor extraído da massa trabalhadora.

O consumo do trabalhador, e o desenvolvimento das forças produtivas para baratear os bens de consumo necessários – em suma, a acumulação via mais-valor relativo – ficam, aqui, em segundo plano. ▶



⁴ Expusemos minuciosamente os efeitos da superexploração sobre o ciclo do capital e sobre produção de C&T na dissertação de mestrado titulada *Dependencia tecnológica y reproducción del capital: América Latina en el paradigma electroinformático*. México D.F. UNAM, 2015. Sobre o conceito de superexploração da força de trabalho, ver: Marini, Ruy Mauro (1974). *La dialéctica de la dependencia*. México: Ediciones Era.



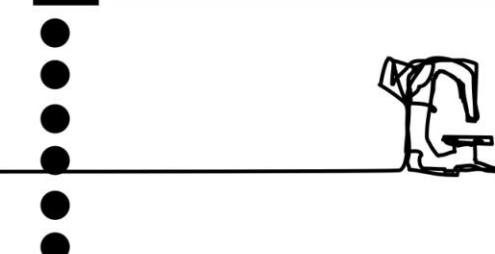
Assim, se bem o desenvolvimento tecnológico é uma necessidade do desenvolvimento capitalista, nem todos os “capitalismos” o fazem na mesma medida, ou seja, há países e regiões que não necessitam edificar uma capacidade produtiva material própria particularmente no setor de bens de capital e naqueles situados na fronteira tecnológica para se reproduzirem. É esse o caso dos países latino-americanos. A constituição histórica e as constantes atualizações desses países como países dependentes eximiu em grande medida suas burguesias de impulsionar um desenvolvimento tecnológico próprio. E puderam abster-se dessa tarefa pela associação subordinada às burguesias dos países centrais na DIT, outorgando à região o papel de região produtora de matérias-primas, alimentos e de etapas não-estratégicas das cadeias globais de produção.

Como forma de compensar esta posição subordinada e, também, de garan-

tir a competitividade dos produtos que exportam, as burguesias daqui devem sistematicamente descarregar sobre as maiorias trabalhadoras o esforço de compensação das perdas que sofrem nos intercâmbios internacionais através da superexploração.

Entende-se, então, porque que não há um esforço sério de desenvolvimento científico e tecnológico na região. Uma política séria de C&T implicaria uma alteração radical da dinâmica produtiva e uma mobilização considerável de recursos, os quais só se poderiam angariar enfrentado a dívida pública, o latifúndio e a superexploração da força de trabalho. Ou seja, implicaria minar as próprias bases de existência das frações dominantes das burguesias latino-americanas, as mesmas que controlam seus respectivos Estados. É fácil perceber que não partirá delas nenhuma proposta nessa direção. ■

Uma política séria de C&T [nos países latinoamericanos] implicaria uma alteração radical da dinâmica produtiva e uma mobilização considerável de recursos, os quais só se poderiam angariar enfrentado a dívida pública, o latifúndio e a superexploração da força de trabalho.



Seminário Regional sobre **Agroecologia** na América Latina e Caribe **Recomendações Finais**

A agroecologia na região vem sendo construída na prática há décadas pelos movimentos sociais de agricultores e agricultoras, campesinos/as, comunidades tradicionais, povos indígenas e originários, pescadores e pescadoras artesanais, pastoras e pastores, coletores e coletooras. Tem uma forte base científica e recebe cada vez mais apoio dos governos por meio de novas políticas públicas. As práticas e princípios agroecológicos garantem a soberania e a segurança alimentar e fortalecem a agricultura familiar. ►



Como resultado do Simpósio Internacional sobre Agroecologia para Segurança Alimentar organizado em setembro de 2014 pela FAO no marco do Ano Internacional da Agricultura Familiar, realizou-se em Brasília, de 24 a 26 de junho de 2015 o Seminário Regional sobre Agroecologia na América Latina e Caribe.

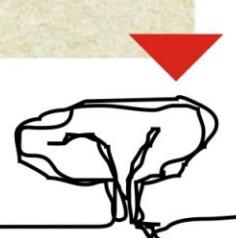
No marco do Plano de Ação 2015 do Grupo de Trabalho *ad hoc* sobre Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural da CELAC e a Declaração Ministerial da CELAC sobre Agricultura Familiar, aprovada em novembro de 2014, em Brasília, Brasil, e ratificada na Terceira Cúpula de Chefes de Estado e de Governo (San José, Costa Rica, janeiro, 2015), pleitearam “apoio para a convocatória de um evento regional sobre agroecologia para fomentar o intercâmbio de experiências e a promoção de políticas de desenvolvimento sustentável.”

No marco da REAF, na XX Reunião Especializada sobre Agricultura Familiar do MERCOSUL (Caracas, Venezuela, dezembro de 2013) incorporou-se o tema da agroecologia na agenda do Grupo Temático para Adaptação às Mudanças Climática e Manejo Gestão de Riscos.

Levando-se em consideração a Declaração de Nyeleni-Mali sobre Agroecologia elaborada pelos movimentos sociais de agricultores e agricultoras, campesinos/as, comunidades tradicionais, povos indígenas e originários, pescadores e pescadoras artesanais, pastores e pastores e coletores e jovens.

As e os participantes do seminário dos movimentos sociais, acadêmicos, representantes de entidades públicas dos países de América Latina e do Caribe e convidados de outras regiões, reunidos/as neste Seminário instam aos Governos da Região, à CELAC, à FAO, REAF/MERCOSUL e outros organismos intergovernamentais e internacionais relevantes, a:

- 1.** Promover políticas públicas de fomento à agroecologia e à soberania alimentar, definidas, executadas e monitoradas com ativa participação dos movimentos sociais e da sociedade civil organizada, assegurando orçamento necessário para sua implementação.
- 2.** Formular e executar marcos legais e regulamentos favoráveis ao avanço da agroecologia para alcançar a soberania alimentar.
- 3.** Assegurar a função social da terra e da água por meio da reforma agrária e políticas fundiárias e da garantia dos direitos territoriais dos povos indígenas, originários e povos e comunidades tradicionais.
- 4.** Promover a produção de alimentos adequados e saudáveis e a soberania alimentar da região por meio da agroecologia, reconhecendo que esses sistemas fazem um uso mais sustentável da terra, água e da energia.
- 5.** Reconhecer e valorizar os conhecimentos ancestrais, tradicionais, saberes locais e as identidades culturais como fundamento da agroecologia. E que os institutos públicos de pesquisa respeitem e valorizem os saberes tradicionais promovendo o diálogo de saberes nos seus programas de pesquisa participativa.
- 6.** Fomentar dinâmicas territoriais de inovação social e tecnológica por meio da criação e/ou fortalecimento de núcleos de agroecologia e em instituições de caráter interdisciplinar e intersetorial, com capacidade de articular processos de ensino, investigação e aprendizagem.



7. Desenvolver políticas específicas que promovam a organização produtiva das mulheres, apoiando suas iniciativas agroecológicas, fortalecendo a superação dos obstáculos que elas enfrentam, a sobrecarga de trabalho, a desriminalização apontando o reconhecimento do seu papel histórico para a agroecologia e para a soberania alimentar.
8. Reconhecer e fomentar o rol ativo das famílias e comunidades, incluindo mulheres e jovens, como guardiões da biodiversidade, especialmente sementes e raças crioulas. E garantir que os bancos públicos de germoplasma restituam aos movimentos sociais seus recursos genéticos conectando a discussão sobre soberana alimentar com a discussão de proteção das sementes.
9. Construir uma rede regional na América Latina (plataforma de gestão mista entre os governos e movimentos sociais) de intercambio, de práticas e de informações sobre agroecologia que favoreça o diálogo entre academia, governos e movimentos sociais.
10. Criar instrumentos que permitam a reciprocidade dos sistemas participativos de garantia entre os países da região latino-americana promovendo a relações entre produtor e consumidor
11. Incluir a agroecologia como tema permanente na agenda do grupo de trabalho sobre agricultura familiar e desenvolvimento rural da CELAC, ampliando a participação dos movimentos sociais e da sociedade civil organizada e academia nesse GT, com apoio da FAO.
12. Criar um programa de intercâmbio sobre agroecologia e sementes a partir do GT de Agricultura familiar e desenvolvimento rural da CELAC
13. Propor a criação de um grupo de trabalho específico na REAF sobre agroecologia e ampliar a discussão de registros específicos da agricultura familiar incluindo a agroecologia
14. Criar condições para restringir as práticas de monocultivos, uso de agrotóxicos, e concentração da terra de forma a propiciar o escalonamento da produção campesina de base agroecológica na região latino-americana e caribe.
15. Apoiar iniciativas de educação formal e não formal, como as escolas campesinas de agroecologia elevando a escolaridade no meio rural por meio da formação profissionalizante de jovens do campo.
16. Reconhecer o papel plurifuncional que a agroecologia de base campesina desempenha em preservar solos, águas, biodiversidade e prover demais funções ecossistêmicas, garantindo a preservação ambiental de forma socialmente inclusiva e economicamente justa.
17. Assumir que os sistemas agroecológicos são mais resilientes às mudanças climáticas e solicitar que se aloquem recursos para o desenvolvimento da agroecologia, como parte de políticas climáticas que garantam a soberania alimentar dos povos.
18. Criar mecanismos para promover a cooperação sul-sul no tema da agroecologia em colaboração com FAO, REAF e outros organismos internacionais e sub-regionais.

Agradecemos a Comissão Organizadora do evento, em especial a Aliança dos Povos para a Soberania Alimentar da América Latina e Caribe, a FAO, a CELAC, a REAF, e o Governo brasileiro pelos esforços para a realização deste debate e saldamos o esforço da FAO em realizar um seminário regional na África e na Ásia e solicitamos que se garanta a participação dos movimentos sociais, dos governos e acadêmicos da América Latina e Caribe nos seminários.

Igualmente saudamos a iniciativa da CELAC em realizar um segundo seminário sobre agroecologia durante a presidência *pro tempore* boliviana com apoio de FAO e REAF.

Informamos que Nicarágua e Costa Rica tem a intenção de realizar seminários na região e pedem apoio da FAO. ■



OMISSÃO DO ESTADO SOBRE DIREITO AUTORAL SÓ BENEFICIA GRANDES CORPORAÇÕES

Trechos de entrevista com Marcus
Vinicius de Andrade

O maestro Marcus Vinicius de Andrade é presidente da Associação de Músicos, Arranjadores e Regentes (AMAR-SOMBRÁS) e a entrevista cuja primeira parte, que se refere a políticas públicas sobre direitos autorais, aqui publicamos, foi realizada em 03 de março de 2010 pelo advogado Rodrigo Moraes, especialista em Direito Autoral, que a publicou em seu site (www.rodrigomoraes.adv.br). Nela, como presidente de uma das sociedades que gerem o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD), Marcus Vinicius aborda a situação atual dos criadores brasileiros e latinoamericanos quanto aos direitos autorais sobre suas obras, as ameaças a esses direitos, a política do Ministério da Cultura e a ação dos monopólios da indústria cultural.



RODRIGO MORAES: *O jornal A TARDE, edição de 06 de fevereiro de 2010, noticiou que a Prefeitura de (uma importante) capital que transpira música, não paga ao ECAD há cinco anos. Tivemos notícia, também, de que, na Costa Rica, recentemente, foi revogado o dispositivo que exigia o pagamento das municipalidades pela execução de obras musicais em seus eventos, o que gerou fortes críticas da Associação de Compositores e Autores Musicais da Costa Rica (ACAM). Como se encontra a situação naquele país? Por outro lado, você tem alguma notícia do Ministério da Cultura brasileiro criticando ou apoiando a inadimplência das inúmeras prefeituras do Brasil? Como você analisa essa questão?*

MARCUS VINÍCIUS: Embora já existam inúmeras decisões judiciais, inclusive de Cortes Superiores, condenando as prefeituras que não pagam ao ECAD e reconhecendo em definitivo a obrigatoriedade da remuneração aos criadores musicais pelos organismos públicos, a prática do calote continua ocorrendo. O que ocorre nessa capital é vergonhoso, não bastasse essa cidade ser uma das vitrines musicais do Brasil, tendo na música e no Carnaval uma de suas principais fontes de receita turística. Tenho certeza de que, mais dia ou menos dia, a Prefeitura (...) será condenada a pagar o que deve aos autores, pois tem sido assim em quase 100% dos casos similares.

Com relação à situação da Costa Rica, cabe dizer que a comunidade autoral internacional, via CISAC [Confederação Internacional de Sociedades de Autores e Compositores], está mobilizada no apoio jurídico a ACAM [Associação de Compositores e Autores Musicais da Costa Rica], além de estar socorrendo financeiramente essa sociedade coirmã. As primeiras reações internacionais já fizeram as autoridades costarriquenhelas recuar um pouco, reconhecendo que o assunto “deve ser melhor discutido”, o que já prenuncia uma possível mudança de postura. Isso talvez venha a ocorrer com o novo governo. Não sendo assim, as sociedades internacionais dispõem-se até a suspender as licenças para uso de seus repertórios na Costa Rica, além de tomar medidas que reparem os prejuízos havidos durante a vigência do malsinado dispositivo que “liberou” as municipalidades do pagamento das obrigações devidas a terceiros.

No Brasil, não há notícia de que o MinC tenha, em algum momento, apoiado expressamente a inadimplência das Prefeituras e órgãos públicos quanto aos direitos autorais. Mas, por outro lado, também jamais se viu o MinC condenar ou criticar os usuários que afrontam abertamente a lei e deixam de pagar ao ECAD. Isso é muito mais grave, pois mostra a omissão do Estado quanto ao cumprimento das leis e da defesa dos



direitos dos cidadãos-criadores. Aliás, pelo que se sabe, jamais o MinC, o Ministério da Justiça ou qualquer outra instância do Governo Federal promulgou qualquer disposição ou norma a respeito do cumprimento da legislação autoral na esfera pública.

RM: *O Ministério da Cultura (MinC) pretende criar um órgão para supervisionar o ECAD. As associações de Direito Autoral rechaçam, veementemente, essa pretensão estatal. Qual a sua sincera opinião?*

MV: De 1938 (quando surgiu a primeira sociedade de autores musicais, a UBC) até 1977, quando foi criado o ECAD, a gestão autoral no Brasil ficou 39 anos sem merecer qualquer atenção do Estado. Em 1973, durante o governo militar, foi promulgada a lei 5.988, que estabeleceu a fiscalização das entidades de gestão pelo Conselho Nacional de Direito Autoral, fato que persistiu por 17 anos, até o CENDA ser extinto em 1990, no segundo dia do desgoverno Collor.

A partir de então, o Estado brasileiro voltou a se ausentar da questão autoral, isso significando que as sociedades autorais e o ECAD ficaram entregues à própria sorte, em meio a um mercado cada vez mais predatório e ao crescente poder econômico dos exploradores de bens culturais. Tal situação persiste há 20 anos.

Tive a oportunidade de dizer pessoalmente ao ministro Juca Ferreira que nossas entidades de classe não são iôiô para ficarem subindo e descendo nas mãos dos governantes, sendo jogadas pra cá ou pra lá, de acordo com humores sazonais. Chega de insegurança jurídica! No passado, quando o ECAD e as associações brasileiras mais necessitavam de apoio oficial para consolidar suas atividades previstas em lei, o governo simplesmente se omitiu. Hoje, quando o sistema de gestão autoral está consolidado e funcionando dentro de padrões acordados internacionalmente, devido unicamente ao esforço e ao investimento das associações, estas, como entidades privadas que são, não podem admitir qualquer interferência estatal em seu funcionamento, o que é vedado por cláusula pétrea da Constituição, por sinal. Minha opinião sincera é que, depois de 20 anos sofrendo com a omissão governamental e sem qualquer apoio oficial, a gestão dos direitos de autor no Brasil adquiriu autonomia e eficiência, hoje mundialmente reconhecidas, por isso prescinde de qualquer interferência estatal.

RM: *A esmagadora maioria das emissoras de rádio do país não anuncia os nomes dos compositores, o que consiste numa infração à Lei Autoral (arts. 24, II e 108). Em sua opinião, por que as emissoras não respeitam a Lei? Não caberia, também, às*



associações autorais cobrar o cumprimento dessa prerrogativa de maneira mais enérgica, inclusive patrocinando o ajuizamento de ações judiciais? Mesmo sendo uma questão de direitos morais, acredito que seria possível o ajuizamento de tais ações. Falta, a meu ver, vontade.

MV: Você tem razão, penso que seria possível o ajuizamento e deveria haver mais vontade. Pelo que sei, os contratos firmados entre o ECAD e as emissoras reiteram (ainda que desnecessariamente) a obrigatoriedade de menção aos autores das obras executadas. Mas daí a fazer que as emissoras cumpram os contratos e a própria lei... Também já tive notícia de que, por considerarem personalíssimos os direitos morais, alguns juízes rejeitam que a matéria seja levada aos tribunais por entidades de gestão coletiva que, em seu entender, só podem tratar de direitos patrimoniais, pois estes são ajustados e cobrados em nome de uma coletividade; já os direitos morais teriam de ser exercidos individualmente pelos próprios autores, a quem caberiam as iniciativas particularizadas de ajuizamento. Creio que deveria se averiguar melhor a fundamentação de tal entendimento.

RM: Na edição do jornal *O Globo* de 06 de dezembro de 2007, foi publicado o artigo “Desafinado”, assinado por você, Paulo

César Pinheiro e Nei Lopes. Em relação ao Direito Autoral, quais foram os principais avanços e retrocessos?

MV: Para nós, é lamentável ver que o Ministério da Cultura está agindo na área autoral exatamente como os antigos governos militares, ou seja, querendo tutelar as entidades dos criadores, que somente lutam por seus direitos legais, enquanto nada faz para coibir a inadimplência dos usuários e os abusos dos que violam sistematicamente a lei. Para que se tenha uma ideia, hoje cerca de 50% das emissoras de radiodifusão, que são concessões de serviço público, não pagam ao ECAD (diga-se, aos titulares de direitos de autor e conexos). Foi para denunciar essa situação que eu, Paulinho César Pinheiro e Nei Lopes escrevemos o artigo referido. Insurgimo-nos também contra o fato de o MinC, contrariamente ao que apregoa, ter-se fechado ao diálogo permanente com as entidades autorais que compõem a sociedade civil organizada: ao contrário, o MinC sucumbiu ao assembleísmo pueril e preferiu discutir os temas culturais e autorais em “plenárias” de qualificação e legitimidade duvidosas, porque quase sempre compostas por claqueiros de palpiteiros e meros curiosos. Desse debate apressado e - por que não dizer? - leviano, no qual foram ouvidos até usuários inadimplentes e representantes de interesses estrangeiros desejosos de enfraquecer a relevância autoral do Brasil, saíram as novas ideias do MinC sobre Direito de Autor.(...)



Os artistas e produtores culturais brasileiros repudiam veementemente essas ideias(...), não só por sua gestação canhestra, como também por seu caráter autoritário e nocivo aos interesses culturais nacionais. Foi extremamente negativo ver o MinC abraçando ideias de fundo neoliberal, como a flexibilização dos direitos dos cidadãos, a cultura da (falsa) "gratuidade", a informalidade na produção da cultura, a desmonetização dos bens e serviços culturais, etc., etc. Um país como o Brasil, que é produtor de cultura, que já foi o 6º mercado discográfico do mundo e que tem uma música popular reconhecida e valorizada internacionalmente, não pode dar-se à leviandade de jogar essa riqueza por terra para assumir uma postura coitadinha, despossuída, como se fosse um país de Terceiro Mundo em que a cultura só pode circular se estiver desprovida de valor econômico. Não dá pra aceitar essa cultura de camelô, que flerta com a informalidade, com a pirataria e até com a contravenção, tudo isso sob o pretexto de facilitar o acesso das comunidades ao conhecimento. Nós já somos uma sociedade pós-industrial, além de uma das dez maiores economias do mundo, portanto não podemos continuar vivenciando uma condição periférica que já superamos há muito. Como diz o embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, já estivemos na periferia por 500 anos: agora chegou o momento de o Brasil assumir uma condição de maior protagonismo mundial, inclusive na cultura. Mas nós só conseguiremos isso se

rompermos esse complexo de vira-lata que nos faz retirar o valor de nossos bens culturais e incentivar a informalidade produtiva, o que inclui relativizar ou até mesmo eliminar o instituto do Direito de Autor, como muitos pregam. Aliás, é exatamente isso o que querem as grandes corporações da indústria cultural, sequiosas de obter "conteúdos" gratuitos para lucrar com eles na Internet. Rejeito a ideia de que o direito autoral é um impedimento para a democratização da cultura e para a maior circulação dos bens culturais. Isso se consegue é com políticas públicas eficientes, não com a limitação (ou mesmo a expropriação) dos direitos de autor e conexos, como parece pensar o MinC. Temos de tomar consciência de que a valorização do patrimônio cultural nacional passa necessariamente pela proteção dos direitos autorais e pelo reconhecimento da cultura como um ativo econômico relevante e estratégico para o país. (...)

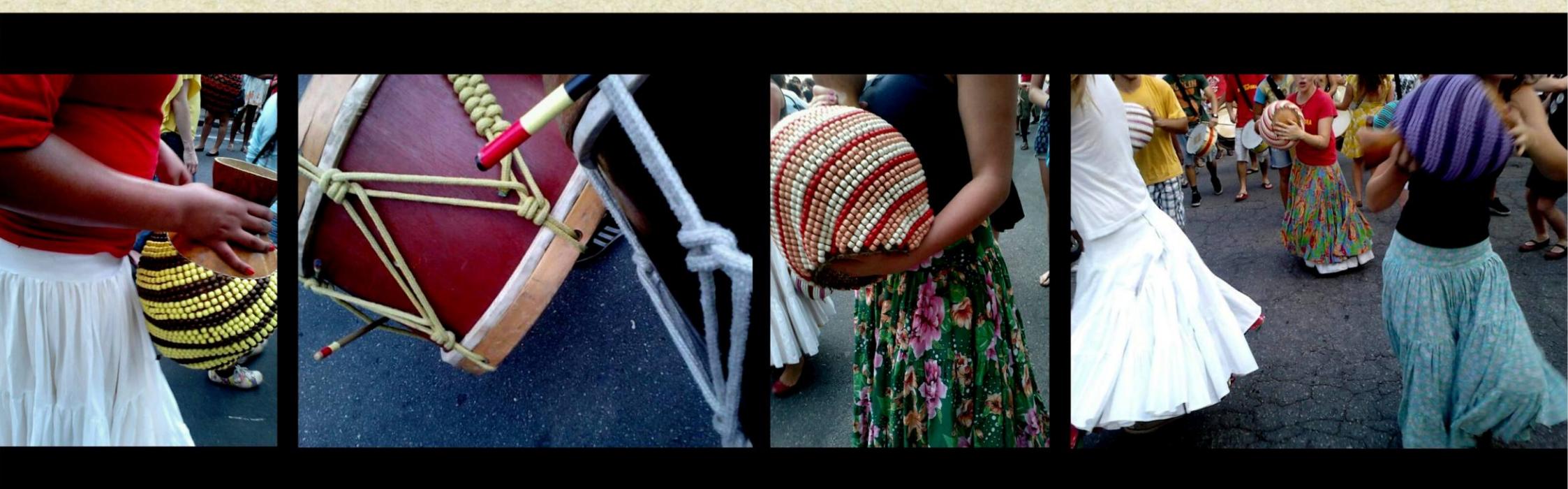
RM: *Para finalizar, o Direito Autoral está no começo do fim ou, no máximo, no fim do começo? Sou otimista e acredito que, neste século XXI, iremos sobreviver à rede mundial de computadores. Sua previsão contém também esse otimismo?*

MV: Acho que o Direito Autoral está no começo do começo. É inconcebível pensar que a Era da Informação e do Conhecimento vai ser feita sem o respeito e a proteção aos que geram



informação e conhecimento. Não se trata de sobreviver à rede mundial de computadores, pois ela é uma realidade: acho até que ela explicita a imperiosa necessidade de proteger-se a Propriedade Intelectual. O grande conflito está em que temos, de um lado, as grandes corporações da indústria cultural, que lutam para ter “conteúdo de graça” para aumentar seus lucros e o valor de seus acervos no mercado; para isso, elas contam com o apoio ideológico de modelos supostamente inovadores (como

o Creative Commons e outros), que visam tão-somente atrair os criadores incautos a ceder seus direitos e irem quietinhos para a boca do lobo; de outro lado, temos os criadores e produtores culturais, que necessitam ter a justa recompensa pelo uso de suas obras/produtos numa nova realidade cada vez mais capitalizada, onde tudo pode ser virtual menos o dinheiro! Vivemos esse conflito entre exploração e criação, entre barbárie e civilização. Mas acho que esta última triunfará, como sempre. ■



Latin America